

A PERDA DO HUMANO FIXADO NO OBJETO E O PROBLEMA MORAL NOS LIMITES DO PENSAMENTO DE KARL MARX*

Thiago Teixeira**

Resumo

Este artigo apresenta, tendo como eixo central a obra *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* de Karl Marx, a alienação do homem através de seu trabalho, isto é, o esvaziamento da essência humana na coisa criada. A mercadoria, ou seja, aquilo produzido, possui valores de uso e de troca. Neste instante o trabalhador está a mercê do que produz num processo de reificação. Posto isso, nossa investida mira evidenciar, no escopo do pensamento de Marx, a efetivação dessa desumanização dada através do trabalho, bem como apresentar a saída do homem deste estado. É imprescindível que analisemos o problema ético que perpassa essa questão, isto é, como essa desumanização insurgida no trabalho alienado resulta em relações interpessoais reificadas.

Palavras-chave: alienação, ética, trabalho, Marx, essência humana.

Abstract

This article introduces the alienation of man through his work, having as central axle the work *Economic and Philosophic Manuscripts*, of Karl Marx. The alienation is emptying of human essence in the created thing. The merchandise, i.e., that is made, has valours of use and exchange. In this moment the worker is at the mercy of that he

* Artigo recebido em 08/03/2013 e aprovado para publicação em 20/05/2013. Uma primeira versão deste texto foi trabalho final da disciplina Tópicos Especiais de Ética Moderna: Os fundamentos éticos da concepção econômica de em K. Marx, do PPG de Filosofia da FAJE.

** Mestrando em Filosofia (linha de pesquisa: ética) da FAJE. E-mail: thiago_philosopho@yahoo.com.br

makes in a process of reification. After that, we show, based in Marx's thought, the effective act of this not humanization that happens through the work. And also we introduce an exit of this situation. It is necessary that we analyze the ethical problem that is present in this question, i.e., how this dehumanization that comes in the work results in reified interpersonal relationships.

Keywords: alienation, ethics, work, Marx, human essence.

Introdução

Nossa investida tem como pressuposto fundamental o que Marx apresentou como trabalho alienado em sua obra *Manuscritos Econômicos Filosóficos* de 1844. Adentraremos no terreno da Economia Política desenvolvida a fim de trazer à luz os processos de reificação e esvaziamento da essência humana onde o trabalhador, ao produzir, perde o que tem de mais elementar, se reabaixando à condição de coisa. Ele é dito pelo que produziu e não mais por sua humanidade. Destarte, nosso intento é evidenciar o que se entende por alienação na obra marxiana em questão, em seguida demonstrar o problema moral por detrás da reificação no trabalho.

A alienação para Marx possui um espírito e este tem como elementos de configuração "a propriedade privada, o espírito de aquisição, a separação do trabalho, capital e propriedade agrária, troca e concorrência, valor e desvalorização do homem, monopólio e concorrência, etc. — e o sistema do dinheiro" (MARX, 2006, p. 111). É importante ressaltarmos que todos estes elementos constituem a economia política como meio pelo qual o sistema de alienação se efetiva, sendo assim seu terreno fértil e eficaz. Todo esse processo de coisificação leva em conta dois elementos fundamentais: o meio pelo qual ele se efetiva, isto é, a economia política; e o trabalhador como aquele sujeito que se tornará análogo ao objeto que produz.

É preciso verificar o trabalho como exteriorização do sujeito, dito de outro modo: entender como a essência humana do trabalhador é posta fora dele, no objeto produzido, causando a "estranheza", o não reconhecimento de si na *práxis* alienada, mas a realização de outrem. Trataremos de analisar o trabalho como desrealização humana marcada *práxis* realizadora de algo que não afirma o sujeito. Posteriormente nos dedicaremos a buscar, nos limites da obra em questão em literaturas secundárias como, por exemplo, *Marxismo e Alienação*, de Leandro Konder, e *Filosofia da práxis*, de Adolfo Sanchez Vázquez, a possível evasão deste sujeito de estado desumanizante e como ela se efetivaria.

1. A afirmação do humano pelo trabalho

Ao tratarmos da desvalorização do humano a partir do trabalho alienado é necessário que entendamos como o homem pode ser destituído de seu valor. Ora, só se pode ferir a essência humana ou transpô-la ao objeto através da reificação se ela previamente estiver guardada sob a égide de algum estatuto. Destarte, como é possível que haja essa destituição da realidade humana? A rigor, se há alienação, previamente havia um estado onde essa realidade não era presente e a partir dessa inferência encontramos o trabalho para Marx. Daqui saltaremos ao trabalho em sua instância alienadora.

A natureza se apresenta. Possui sua ordem, causalidades e leis. O homem, em certa medida, foi o ser que se afirmou em relação à natureza tendo em vista uma liberdade capaz de dominar, em partes, toda a força da natureza e colocá-la a seu favor através do trabalho. A natureza orienta, por exemplo, os animais por meio dos instintos a sobreviverem, contudo o homem rompe com essa sobreposição das forças da natureza colocando-a a seu serviço.

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana. (MARX, 1968, p. 50).

Deste modo, percebemos que também os animais produzem, todavia para suprir de modo instintivo as necessidades que lhes foram dadas pela natureza, o homem contrariamente, cria valor, produz através da natureza e essa interface entre o criado a partir da natureza com ela mesma, finda no que Marx chama de vida humana. Os animais, respondendo imediatamente aos seus instintos, não estão no crivo da liberdade e por isso, seus comportamentos não podem ser chamados de trabalho; já o homem, enquanto cria e ajusta os meios, analisando quais são os fins e os melhores meios para alcançá-los. Atesta-se a reflexão e a não imediatez no cerne de sua escolha livre orientada a produção. Enquanto os animais se comportam de forma instintiva, o homem projeta sua ação. Para Marx o animal também produz, entretanto:

Só produz aquilo que necessita imediatamente para ele mesmo ou para sua progênie. Produz de modo limitado, ao passo que o homem produz universalmente. O animal só produz sob o imperativo da necessidade física imediata enquanto que o homem produz mesmo quando se acha livre da necessidade física; e não produz mesmo como homem quando não se acha livre dessa necessidade. (KONDER, 2009, p. 41).

O trabalho, portanto, é o meio pelo qual o humano alcança sua realidade. É a força motriz de afirmação da humanidade, não como mera produção, mas como transformação da natureza, colocando-a a serviço de seus projetos. É no trabalho humano que o homem produz a si, logo é *humanizador por natureza*. Este meio intensificador da essência humana, ao longo do tempo foi aprimorado, o que nos remete ao que Marx chama de formação social desenvolvida, ou seja, ela só o será na medida em que as forças produtivas também forem desenvolvidas e tenham como meta a ratificação da humanidade através da produção. Tal aperfeiçoamento é visto claramente com o uso de instrumentos para transformar e, sobretudo potencializar esta ação humana sobre a natureza, tornando a práxis humana, sempre e cada vez mais endossada sua livre escolha e distinção dos demais animais.

Mas o que para nossa investigação é pertinente está na constatação de nosso autor de que os homens, isso é, os trabalhadores de seu tempo, já não produziam mais, tampouco utilizavam seus instrumentos levando a efeito, a humanidade¹. E a pergunta elementar de nossa investigação é: Como o trabalho, expressão do que é humano por excelência, pode se voltar ao próprio homem, tornando-o análogo à coisa produzida? Ora, para respondermos tal questão, é preciso analisar o sistema econômico marcado pela criação de produtos, mercadorias que não estão dispostos a reforçar o que mais privativo há no trabalho humano, ou seja, seu próprio valor essencialmente humano, mas trazer à luz o objeto como expressão de sentido de quem produz nele valor de troca e de uso, que definem a inversão da relação sujeito-objeto.

Ele se apresenta como a transformação da natureza a partir da práxis humana. Essa transformação é o que há de privativo ao homem é a forma de afirmar sua essência. Através dele se efetiva a relação material entre o homem e a natureza². Podemos considerar que a transformação da natureza como afirmação do homem enquanto tal é o primeiro plano da práxis como constituinte, o segundo momento, pode ser percebido quando a transformação, guiada pela teoria se engraniza com a prática e moldando a ação dos homens a uma revolução denotando assim um dos elementos morais dispostos na teoria marxiana. Todavia entre a produção como manipulação da natureza e a práxis como ação revolucionária, há um momento intermediário, a alienação, ou a perda da essência humana

¹ O trabalho se refere à economia burguesa e ali estão todos os mecanismos para aumentar a riqueza daqueles. De certo modo, a produção onde participavam diretamente o homem e a natureza onde o humano era a própria ação na medida em que utilizava suas próprias forças para atribuir valor útil às coisas produzidas, se perdera.

² Para Marx o trabalho enquanto relação necessária com a natureza, afirma o que o homem possui de peculiar, isso é, sua liberdade que se configura na medida em que, ao contrário dos animais que agem por instinto, transforma a natureza e a coloca aos serviços daquele que a modifica. Ele é indispensável à vida do homem (MARX, 1968, p. 50). Mesmo que se efetive por modos diferentes, ou seja, seja por vias de tecelagem ou artesanal e se configurem de modos distintos, o trabalho é sempre humano, pois ali estão dispostos elementos privativos do homem: cérebro, músculos, nervos, mãos e etc... (MARX, 1968, p. 51)

no momento da produção. Aqui o homem, ou a humanidade se turva e o quem produz se torna análogo ao objeto é reificado.

1.1 O trabalho alienado: a negação do humano

Ao analisarmos a alienação no trabalho em Marx devemos entender de forma inicial que se trata rigorosamente da adequação, no cerne da relação de produção, entre a coisa produzida e o trabalhador. Não há aqui uma dissociação entre estas duas esferas. O trabalhador se identifica com o objeto trabalhado. Fica evidente a alienação do produtor ao tomar como identidade o que ele mesmo manuseia, onde o fundamento dos sentidos é atribuído ao detentor do capital e do poder. Portanto, são alienados os homens que dedicam sua vida a produzir projetos que não são seus, submetendo-os a outros.

Percebe-se logo a crítica marxiana e o afastamento desta problemática duma "época nebulosa". Com relação à perspectiva axiológica no tocante ao homem, vê-se um caráter negativo inerente à alienação, ou seja, há uma desvalorização daquele, em favor do aumento da produção. No sistema capitalista, Marx aponta uma dicotomia elucidante da não atribuição do valor ao homem, mas sim às coisas, ao afirmar que na mesma proporção em que produz o trabalhador, ele também o empobrece. O proletário não é visto como sujeito de necessidades, mas como extensão da matéria manipulada. O capitalista enxerga-o como mercadoria mais barata. A mercadoria não é apenas produzida, ela também delimita a identidade daquele que a produz.

Para Vázquez, o trabalhador não possui valor como ser humano, mas sim como propiciador de vantagem econômica³³. Nesse sentido, o proletariado está em situação desigual ao capitalista, pois o primeiro é considerado unicamente fonte de riqueza do segundo, mero instrumento de sua ascensão econômica. A preocupação de Marx, segundo Vázquez, mira à mutilação da humanidade do trabalhador, em detrimento do processo de produção lucrativo, como vemos:

Desse modo, o princípio de que o trabalho humano é fonte de todo valor e riqueza, que, aparentemente, implica um reconhecimento do homem, deixa-o ao contrário como ser humano, fora do processo de produção. (VÁZQUEZ, 1977, p. 121).

Como o trabalho no sistema capitalista possui o objetivo de angariar lucro para uma classe abastarda, a práxis é constantemente posta como ocupação de transformação da natureza, com o único fim de imprimir ali o projeto do capitalista. Neste momento, o trabalhador

³³ O trabalho aqui não é visto como outrora, isso é, ratificação do humano, da liberdade. É instrumento de acumulo de riqueza para os burgueses. Nesse sentido, o trabalhador, ao produzir, priva-se de sua própria vida, revelada em sua práxis afirmativa para se transformar em objeto. Ele é submetido à coisa produzida e perde a si, de modo a assumir uma existência externa.

não se reconhece fora daquele projeto impresso, e aqui está o caráter desumanizante desta relação.

A essência humana é negada, ou seja, quanto mais o homem cria e produz coisas de ordem objetiva sua humanidade se esvai com o aumento da produção. Há, deste modo, a perda de identidade em função do reconhecimento na coisa criada. A partir disso verificamos a alienação, não apenas reconhecida pelo homem em relação a si próprio, mas demonstrada na relação necessária (proletário X capitalista), onde ela ocorre. Embora operário e capitalista estejam numa situação de oposição, é imprescindível essa dicotomia para que haja a produção e, por conseguinte, a alienação.

O trabalhador torna-se ou identifica-se com a mercadoria, e tal identificação tem sua gênese na "valorização do mundo das coisas". O trabalho, portanto, não produz somente a mercadoria em si, mas rebaixa o produtor à condição alienada de valor de troca.

A realização do trabalho aparece na esfera da economia política como *desrealização* do trabalhador, a objetivação como perda e servidão do objeto, a apropriação como alienação. (MARX, 2006, p. 112).

Na medida em que nos dedicamos ao conceito de alienação em Marx, fica-nos clara a relação com a desvalorização e a perda da identidade do homem na esfera da produção. Reconhecemos assim a negação do homem pelo trabalho alienado.

O aspecto axiológico no bojo do pensamento de Marx, em relação ao trabalho, justifica-se sob dois âmbitos fundamentais: *valor de uso* e *valor de troca*. O primeiro corresponde às qualidades do objeto produzido designadas pelo produtor, aspecto qualitativo individual que pode ser reconhecido pelo outro numa troca. É responsável por satisfazer as necessidades dos homens. Além disso, a mercadoria traz em si a possibilidade de ser trocada por outras mercadorias que distinguem de si e essa capacidade da mercadoria comprar outras, reconhecemos como valor de troca.

Podemos considerar que no valor de troca está a alienação do trabalho humano, enquanto é na mercadoria em seu sentido pleno, isto é, enquanto meio de satisfação de necessidades e meio próprio para troca que ocorre a alienação. Nesta é impresso o interesse do capitalista, o aumento da produção de acordo com o relativismo valorativo em relação à mercadoria, findando na desvalorização do trabalhador. Não podemos negar que de certo modo, há uma participação da alienação no valor de uso, uma vez que esse denota a produção que mira à satisfação do que é humano. Ora, se há uma desvalorização do humano na coisa produzida, logo também há um engranzamento da alienação no que diz respeito ao valor-de-uso.

O fundamento da alienação, bem como da desvalorização do homem, está no reconhecimento do trabalhador como algo estranho⁴ a ele mesmo. Sendo a produção algo extrínseco ao proletário, ele não se afirma e, conseqüentemente, frustra-se. Para Marx, todos os desenvolvimentos físicos e mentais ocasionados pelo trabalho não suprem os déficits do mal-estar, impresso na alma do proletário.

Ao produzir de forma alienada, os trabalhadores sentem-se fora de si, são forçados a isso. Logo não realizam as suas necessidades, mas a de outrem, nesse caso de quem detém o capital. Seus trabalhos não lhes pertencem, não são livres. A produção e seu projeto estão sob a jurisdição do capitalista. Marx atribui ao caráter estranho⁴ do trabalho o motivo pelo qual se foge do labor como de uma peste. Sacrificar-se não é o objetivo de ninguém e é esse o fim do trabalhador: o sacrifício, a recusa de si e de sua liberdade em função da subordinação e da realização dos outros.

A alienação da práxis humana de acordo com a elaboração de Marx possui dois aspectos cruciais: relação do trabalhador com o objeto que produz, bem como a relação do mesmo com sua atividade produtora.

Na primeira, o proletário está à mercê do objeto produzido, é dominado e representado por ele. Quem produz passa ser análogo ao objeto. Essa representação aponta a estranheza, pois o homem é afastado de sua natureza:

O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens.

Tal fato implica apenas que o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, opõe-se a ele como ser estranho, como poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, que se transformou em coisa física. (MARX, 2006, p. 111)

Ademais, a atividade está imbuída de sofrimento e passividade. A vida humana é a *práxis*, mas, nesse caso, toda a vida se resume em atividade alienada, toda a atividade, introduz nos homens um sofrimento ocasionado pelo desenvolvimento de um projeto que não são donos.

Nessa *práxis*, o homem transforma a natureza e faz emergir desta transformação produtos nos quais ele mesmo não se reconhece. Há então uma ***negação do homem enquanto homem***, ele é posto na condição de coisa. Esse trabalho fere a natureza

⁴ Tal estranheza ocorre pelo não reconhecimento de si no objeto produzido. O trabalhador se relaciona com sua produção, mas há um estranhamento, pois ele não se identifica ali. Ademais, há um esgotamento de si por esse não reconhecimento que proporciona uma consolidação do mundo das coisas e o fortalecimento do mesmo, fazendo com que o mundo humano, ou o interior de quem produz não seja mais seu.

humana. É claro que o trabalhador produz coisas boas, mas é preciso delimitar a quem essas coisas boas destinam enquanto bem. Ora, é evidente que esse bem só alcança aos ricos e na mesma medida, denota a escassez ao trabalhador, uma vez que esse perde tudo, sua vida em detrimento do que produz.

Toda a produção alienada implica, na economia política, em antagonismos como, por exemplo: quanto mais produz, o homem destituído de humanidade não precisa ou não tem a necessidade de consumir; quanto mais cria, menos valor tem; quanto mais sofisticado o produto, mais desconfigurado o trabalhador. A economia política obnubila a alienação no processo de produção, pois não verifica a relação entre o trabalhador e a produção. Nela toda a deformidade do trabalhador, sua transformação em máquina, objeto é submersa pelas belezas imediatas e benefícios instantâneos da produção.

2. Da alienação a moralidade

Demonstramos que entre o trabalho como afirmação do humano e a moralidade impressa na criação de valores até mesmos revolucionários, está a alienação como momento turvo, negativo. A partir daqui, cabe verificar quais são as circunstâncias em que podemos perceber, a partir da perspectiva marxiana, uma moralidade que se firma na afirmação da afirmação ou na afirmação da liberdade humana. Logo, no trabalho e nas relações efetivadas a partir dali que resguardam a essência humana, sem estranheza ou violência.

Identificamos que a produção em Marx tem por fim minimizar as carências humanas em sua diversidade, mas não podemos retirar dessa produção seu viés social, ou considerar que se trata aqui de uma práxis indubitavelmente individual. Pelo contrário, em Marx, não identificamos a afirmação do humano por vias individuais, uma vez que o trabalho é sempre orientado à sociabilidade. Neste sentido a moralidade no pensamento marxiano se efetiva na medida em que o homem se reconhece como ser social e consciente de que o que produz lhe afirma e não deve ser instrumento de uma reificação.

Enquanto o homem, através de suas práxis, desenvolve e transforma a objetividade a partir de seus projetos, denota o quanto são responsáveis por fundamentar suas decisões, superará as adversidades ou insuficiências. Nesta esteira articulamos a moralidade, a criação de valores que emergem a partir da práxis com a ação e a intervenção transformadora da objetividade. É importante ressaltarmos que os homens submersos no trabalho alienado não são capazes de agir dessa forma, isso é, transformando sua realidade por intermédio de sua ação, pois somente homens conscientes de que sua ação é humana podem fazê-lo, como nos mostra Konder:

Para Marx, os valores constituem um fundamento essencial da práxis. A **atividade própria do homem** — aquela em que ele se humaniza (a práxis) — é teleológica. E antecipadora, projetiva. Nada é absolutamente garantido, nada é imutável. Os próprios fundamentos das opções que vão se fazendo ao longo da vida pedem muitas vezes reexames, revisões. (KONDER, 2010, p. 25)

Nosso intuito ao destacar na citação acima a práxis como “atividade própria do homem” se refere à contraposição da produção como ratificação do humano em relação ao trabalho alienado. Esse não é atividade própria do homem, uma vez que ele não se reconhece como humano e sim como coisa. Por outro lado, a práxis teleológica é o terreno onde os homens, conscientes de sua essência, de sua sociabilidade, criam e reinventam uma comunidade humana.

O que chamamos de consciência, Adolfo Sanchez Vázquez aponta como a filosofia da práxis⁵. Aqui se atesta o caráter modificador do mundo através do engranzamento entre teoria e prática, resultando numa atividade real e transformadora do mundo. Fica-nos claro que a passagem da filosofia para a “realidade requer a mediação dos homens” (VÁZQUEZ, 2007, p. 116). A práxis é a resposta efetiva dos homens no terreno da objetividade, superando e respondendo a necessidades vitais, dito de outro modo, ela é a revolução, a emancipação do homem. Essa é justamente a marca de que a moralidade ocorre nesse âmbito, pois do contrário, como homens análogos a coisas podem se enxergar de forma afirmativa? Não podemos negar que mesmo nas produções e relações alienadas existe uma alteridade, entretanto ela é negativa, são coisas se relacionando com coisas, não homens.

Acresce-se que o trabalho alienado priva ao homem de sua vida genérica, isto é, de sua vitalidade intelectual e corpórea. Se, portanto o homem é estranho a si, logo também o será para os outros homens, neste sentido há uma dificuldade no reconhecimento do outro enquanto outro, pois ele não é homem. Quando um homem não se vê, cria um padrão para enxergar o que é o homem, ou melhor, sua reificação. Portanto, só enxergará a outrem por meio dessa lente de coisificação. A vida genérica, ou vida criadora de vida é marcada pela negatividade do processo de produção, bem como as relações de alteridade também o são. É necessário que a produção, o a criação dos homens ressaltem sua liberdade, sua vida inteira.

⁵ Vázquez disserta sobre a filosofia da práxis em Marx, traçando uma contraposição em relação ao pensamento de Hegel. Acresce-se que o Espírito de Hegel é o que deve ser. Logo o ser está dado em todas as suas determinações. A totalidade que é esse espírito permite somente ao filósofo compreendê-lo e justificá-lo, jamais transformá-lo, porque ele está dado. Suas inadequações só se aparecem no conhecimento que o Espírito tem de si mesmo.

2.1. Liberdade em contraposição à supressão de uma classe

Quando nos referimos à alienação no tocante ao sistema de produção e nos limites da economia política, demonstramos a subjugação de uma classe em relação à outra, a saber, do proletariado frente aos burgueses. Destarte, essa relação antagônica é necessária nos limites acima dispostos, todavia denotam de onde emerge a desrealização do humano na medida em que o trabalhador estranha a si para produzir e aumentar as riquezas da burguesia. Indo a fundo nessa querela, reconhecemos que o nascimento de uma comunidade moralmente válida e desse modo essencialmente humana, se relaciona diretamente com a ação libertadora e revolucionária da classe suprimida.

Trata-se de uma missão e essa se dá por vias concretas e não *a priori*, pois os trabalhadores não são deuses⁶ e só reconhecem essa necessidade histórica, de se libertarem, no cerne da produção na sociedade burguesa. O proletariado, libertando-se, também libertará a humanidade inteira de modo objetivo, marcando-se pela revolução que implicará no fim de uma classe particular e subjugada e implicará também na afirmação do universal humano.

Quando tratamos da alteridade no escopo do trabalho alienado, isso é, da posição do trabalhador frente ao capitalista, devemos perceber como essa relação é marcada por uma negatividade justamente porque o que é produzido não pertence ao proletário, mas a um homem distinto dele. Nestes termos, o produto ratifica o burguês, só dá prazer a ele, só afirma ele enquanto homem. Impreterivelmente a relação de um homem com ele mesmo, só é efetiva através de sua relação com outros homens. Assim, estando o homem imerso na estranheza, hostilidade e sofrimento de modo que não percebe a si, seu olhar para o outro não o permitirá ver-lhe, como nos esclarece Marx :

Se ele se relaciona com a própria atividade como não-livre, então se relaciona assim como a atividade com o serviço, sob o domínio, a repressão e o mando de outro homem. (MARX, 2006, p. 119).

Acresce-se que toda alienação, ou a desrealização do humano, depende do modo em que os homens postulam sua relação consigo mesmo e com os outros e essa relação é indubitavelmente prática. Destarte, ao produzir alienado o homem não é hostilizado somente na sua relação com o objeto, mas também em sua relação com os outros homens da produção.

Assim nos fica claro que para se alienar, em certa medida, há uma permissão do homem, uma vez que se predica do modo em

⁶ Cf. K. Marx e F. Engels. *La Sagrada Família*, p. 101.102.

que suas relações se dispõem. Aqui está o ponto fundamental de nossa investigação, ou seja, o retorno a uma vida essencialmente humana, moral e não reificada. A respeito disso constatamos que para esse retorno é necessária a práxis afirmativa do ser social ou, dito de outro modo, a revolução.

Para Marx, o homem assume um comportamento real e ativo diante de si e dos outros homens enquanto exterioriza todas as suas forças genéricas, e isso só é possível na ação conjunta com outros homens, como fator resultante da história, de modo concreto. Assim, o homem, para sê-lo, tem de se objetivar, exteriorizar suas forças enquanto ser social. Em suma, é necessário que os homens construam um horizonte humano, de transformação e moralmente orientado pela razão e pela prática, livre de dominações e pré-conceitos. O homem é aquele que está no meio, se diz, em certa medida por ele, mas também é o responsável por sua transformação, e esse feito pode se realizar somente e pelo homem, não por um objeto, ou um homem negativado pelo que produz.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi compreender o que se entende por alienação no processo de produção nos limites do pensamento marxiano e como essa afeta de modo contundente a moralidade. Para esse feito nos concentramos em apresentar como o trabalho é importante para o autor na medida em que através dele o homem se afirma enquanto tal e constrói suas relações. Ele é o meio pelo qual o homem afirma o humano e sua generalidade e é ali no escopo da produção que sua exteriorização permite a efetividade da relação com outrem.

Podemos inferir, a partir da acepção marxiana, que é no trabalho o homem se outorga e exterioriza sua humanidade. Desse modo, também é ali no terreno do que produz que o mesmo homem pode se perder de si, se tornar análogo a coisa e ser dito por ela. Nesse caso, aumenta a riqueza dos burgueses e intensifica sua estranheza em relação a si e aos outros que também não podem reconhecer a ninguém, pois estão sob a égide da reificação. O trabalho alienado fere a alteridade e a liberdade dos homens. Sem esses pressupostos pode haver moralidade? É sabido que não. Como então os homens podem retomar sua práxis afirmativa? Ao proletariado é dada a missão de romper os grilhões da subjugação dos capitalistas, através de uma práxis revolucionária, transformadora.

Em suma nossa investigação demonstrou que a moralidade, isso é, um horizonte humano e afirmativo só é possível através da superação do estado alienado através de ações, trabalhos e relações que voltem a afirmar o que o homem em sua generalidade.

Bibliografia Fundamental

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2006

_____. *O Capital: Crítica da Economia Política, I/1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

Bibliografia Complementar

ALBINATI, Ana Selva. *As determinações da moralidade na obra de Marx*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

KONDER, Leandro. *Em torno de Marx*. São Paulo: Boitempo, 2010.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Filosofia da Práxis*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.